



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA: CÚMPLICES OU PARCEIRAS?

SARRAZIN, Adriana H.

Aluna do curso de Psicologia da Uniube

adrianasarrazin@hotmail.com

Embora os problemas educacionais existam desde sempre, a escola como instituição começou a delinear-se junto ao processo de urbanização, decorrente da industrialização e da migração massiva do campo para as cidades (Netto, 2001). A Escola veio atender uma dupla necessidade social: primeiro, acolher as crianças que ficavam “soltas” nas ruas ou nas casas dos trabalhadores e em segundo lugar, “educar” estas crianças, dando-lhes condições de tornar-se trabalhadores capacitados, cidadãos “de bem”, capazes de concorrer ao mercado de trabalho. A institucionalização da educação é, neste sentido, uma consequência – ou até um “subproduto”, do sistema de produção capitalista. A Escola era, e talvez continue sendo em muitos casos, uma outra fase da produção em massa: uma indústria de indivíduos bem adaptados e úteis ao sistema.

Porém, o ser humano não se molda tão facilmente quanto o ferro ou a madeira. Ele se recusa a ser moldado, igualado e consertado à força; ele não é feito “sob medida”



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

para caber na maquinaria. Não tem a mesma natureza dos objetos inertes. Surge um grave problema: cada ser humano é único. Cada um tem suas potencialidades e suas fraquezas, seu ritmo e liberdade. Já desde os estágios iniciais do desenvolvimento, a criança se apresenta como um ser que requer atenção especial, que não se adapta facilmente às imposições de uma educação padronizada. A criança não pode ser obrigada a aprender, muito menos a educar-se (lembrando que educere significa “tirar de dentro de si mesmo”). Uma criança tem que ser conquistada pelo afeto, despertada para o prazer de aprender.

Foi por isto que os métodos de ensino da época esbarraram duramente no humano, no subjetivo. Quando pressionada, punida, rebaixada ou amedrontada, a criança não só não aprende, como também se corre o risco de fomentar nela comportamentos defensivos, agressivos e anti-sociais. Qualquer ser humano, quanto mais uma criança, quando obrigado a submeter-se a um ambiente ameaçador, autoritário e desrespeitoso, será levado a reprimir a tal ponto sua individualidade que provavelmente perderá aquilo de mais precioso: sua criatividade, sua iniciativa, sua vontade, seu livre arbítrio, seu eu, sua motivação (BASAGLIA, 1985).

Este ensino sem afeto e sem respeito às diferenças deparou-se então com seu produto: crianças que não acompanhavam o ritmo de aprendizagem, que não conseguiam se concentrar e repetir como máquinas o “a b c” da sociedade. Crianças desmotivadas, com “deficiência de aprendizagem”, indisciplinadas, desorganizadas, enfim, “crianças problema”.

Foi então que o psicólogo foi chamado. O cientista armado com seus métodos positivistas e suas teorias de reforço e punição. E para quê? Para avaliar as crianças e compreender as causas de sua deficiência. Com seu “teste de inteligência”, recém criado especialmente para este objetivo, começa, no início do século XX, seu trabalho de



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

avaliação e classificação das crianças, e com isto, dá início ao processo de validação científica da exclusão daquelas consideradas “fora da norma”.

Mas é claro que além da avaliação psicológica foram feitos também estudos clínicos para averiguar as causas do “déficit”, chegando a conclusões convincentes do tipo: Criança que não aprende tem alguma lesão ou doença física, ou então tem dificuldades para lidar com seus aspectos emocionais, ou melhor, é uma criança regredida. Ou seja, o problema estava definitiva e exclusivamente no indivíduo. Como máximo, os estudos apontavam para o entorno familiar, considerando que se o problema não fosse totalmente do indivíduo, seria dos pais. Ninguém falou na responsabilidade da Escola, do método de ensino ou coisa parecida. Muito pelo contrário, diante dos crescentes índices de evasão e repetência, a instituição foi defendida como vítima passiva, através da criação de “salas especiais”, onde se depositavam aquelas crianças-problema que denunciavam o que ninguém queria ver (SOUZA, 1997).

Na realidade, a jovem (e inocente?) psicóloga veio para cumprir com uma função que já lhe estava dada. Não foi convidada, foi contratada. Não veio para pensar, veio para reproduzir. Sem muita maturidade para refletir sobre sua atuação, ela assumiu docilmente seu papel e passou a fazer parte da equipe da instituição escolar. Em outras palavras, passou a reproduzir a ideologia dominante na escola e fora dela, e até a dar novas bases “científicas” para reafirmar a tese darwiniana da seleção natural: o domínio do mais forte e a exclusão do mais débil.

Até hoje, nas escolas e na mídia, é passada essa mensagem subliminar: Aquele que não é forte o suficiente para vencer na luta corpo a corpo, ou na luta financeira, ou acadêmica, está fadado a desaparecer – e é bom que isto seja assim. Desaparecendo o débil, a espécie toda “evolui”. Não é isso que vemos ainda hoje na sociedade? Não temos medo daquele diferente, do imperfeito, do feio? Não é melhor transferir o aluno com deficiência para uma sala especial, onde não atrapalhe o outro? Não é melhor ter o



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

menor infrator, o desadaptado, trancado na FEBEM para nossa proteção? Não é melhor o pobre ficar longe de nossa vista e o malandro na cadeia?

A discriminação não é mais “politicamente correta”, mas acontece. Por mais que tenha havido avanços, ainda estamos ansiosos, na corrida capitalista, para não ser deixados para trás, para não cair na faixa dos “não-aptos”, para não ser esmagados pela máquina. Ainda corremos atrás de um “bom” colégio e uma faculdade, visando não apenas a “educação” mas a possibilidade de inserção no competitivo mercado de trabalho. Ainda a escolarização é a solução para as mães que participam do sistema produtivo. As universidades tornaram-se, após a Revolução Industrial, centros de formação de força de trabalho, deixando de ter como missão fundamental a crítica, a discussão e a geração de cultura.

Onde está a educação que nos leva à auto-realização e à plenitude de desenvolvimento? A educação estética, os valores? Ela fica, no melhor das hipóteses, relegada aos momentos de lazer, que devem ser poucos, porque ociosidade é sinal de debilidade.

Onde fica o tempo para refletir sobre o sentido da vida, para perguntar os “por quês” e o “para quê”? Para pensar quem somos, para onde vamos? Talvez, aos consultórios de psicoterapia?

Quase sem querer chego de volta ao psicólogo. O psicólogo como agente de humanização e inclusão. O psicólogo como um espaço para achar-se. Para achar aquilo de mais humano e original que pode impulsionar o desenvolvimento, não só intelectual ou social, mas o desenvolvimento do ser em si. O psicólogo como um sinal “Pare” no meio da correria, das aulas e dos horários; como um pouco de luz para ver melhor e orientar as ações na direção do desenvolvimento real e profundo.

Por isto, na escola e na sociedade, o papel de um psicólogo crítico, consciente e responsável é fundamental. Ele pode promover a diferença e transformar as estruturas



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

rígidas para permitir a expressão de todos, integralmente. A escola é, ou deveria ser, o lugar do desenvolvimento por excelência e o psicólogo dentro dela deve, ou deveria, perguntar-se para quem realmente trabalha: para o sistema, ou para o ser humano? O que é a educação dentro da escola: um sistema de treinamento? Ou um marco de autoconhecimento e reflexão? Qual o método de trabalho: é impor idéias que devem ser engolidas, ou fomentar o dialogo e a reflexão? Qual o objetivo: alienar ou libertar?

O psicólogo escolar, antes de tudo, deve ser um ser transformador, comprometido com o desenvolvimento dos indivíduos, das organizações e da sociedade, ainda que este intento atrevido lhe custe o emprego.

REFERÊNCIAS

NETTO, Samuel Pfromm. As Origens e o Desenvolvimento da Psicologia Escolar. In: WECHSLER, Solange M. (org). Psicologia Escolar – Pesquisa, Formação e Prática. 2a. Ed. Campinas, SP: Alínea, 2001, p. 21.

BASAGLIA, F. As Instituições da Violência. In: A Instituição Negada: Relato de um Hospital Psiquiátrico. Rio de Janeiro: Graal Ed., 1985, p.99.

SOUZA, Marilene Proença R. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: SOUZA, M.P.R. e MACHADO, A. M. Psicologia Escolar: Em busca de Novos Rumos. 3ª ed. SP: Casa do Psicólogo, 1997, p. 17.

Adriana H. Sarrazin

Aluna do curso de Psicologia da Uniube
adrianasarrazin@hotmail.com